

A hospitalidade em Homero

Hospitality in Homer

Mônica Silva de Freitas
Mestre em Filosofia PPGF- UFRJ

Resumo: Este artigo tem por objetivo pesquisar o tema da hospitalidade em Homero, em sua narrativa épica na *Iliada* e na *Odisséia*, como foco de investigação não somente de costumes e tradições da comunidade grega, mas também de valores pessoais de caráter e de sua formação a partir da noção de *éthos*, da qual surgirão posteriormente, no campo da ética, notadamente com Sócrates, Platão e Aristóteles, questões filosóficas acerca do humano. Outras noções igualmente importante, como *aidós* e *némesis*, que contribuem como forças morais para o estabelecimento de uma rede de valores atuantes naquela sociedade, também são discutidas.

Palavras-chave: Filosofia e Literatura Grega Antiga; Ética; Justiça; Moralidade; Hospitalidade; Homero.

Abstract: This paper aims at researching hospitality as a major theme in Homer's epic writings, *The Iliad* and *The Odyssey*, as the investigating focus of customs and traditions in the Greek community, as well as individual values to character and its formation from the idea of *éthos*. Later on, it will be the starting point, in ethics, for questions on human nature, namely with Socrates, Plato and Aristotle. Other important notions such as *aidós* and *némesis*, which contribute as moral forces to weave a web of values, acting on that particular society, have also been discussed.

Keywords: Ancient Greek Philosophy and Literature; Ethics; Justice; Morality; Hospitality; Homer.

1. Introdução

Junto a outros temas de relevo na narrativa homérica, como o código de honra do herói grego, a *timé*, e a ira de Aquiles, a *hybris* e suas consequências funestas, entre outros, a hospitalidade constitui um ponto de particularmente importante para o estudo não apenas dos costumes e valores sociais do povo grego, mas também de valores individuais no que tange ao caráter e à sua formação. O *éthos*, que em língua grega, na definição proposta por Liddell e Scott em **An Intermediate Greek-English Lexicon**, pode significar tanto costumes como disposição de caráter, constitui o foco de onde aflorarão, em um período posterior a Homero, reflexões filosóficas acerca do homem, sua razão, vontade e desejos, inserido em um

mundo, a *physis*, de leis e necessidades naturais, completamente alheio a seus valores ou disposições teóricas.

À parte a *physis* e suas ameaças naturais, o homem homérico constitui-se como parte integrante de sua comunidade na unidade política chamada *pólis*. Segundo Wace e Stubbings em **A Companion to Homer**, em Homero, a *pólis*, uma *ptolíetheron* ou *asti*, é uma cidade em um conjunto de edificações sobre uma colina fortificada, cuja residência de seu governante, seu palácio, guarda reminiscências monárquicas do período micênico, muito embora seus cidadãos¹ se reúnam em assembleias na *agoré*.

Na **Íliada**, canto XVIII, o microcosmo familiar é de grande importância na estruturação da cidade homérica, como atestam as cenas domésticas descritas no escudo de Aquiles. Não por acaso, todo guerreiro ou viajante é interrogado acerca de sua cidade e família de origem. A família e a *pólis*, *portanto*, formam uma unidade indissolúvel e constituinte da personalidade do homem homérico e, por conseguinte, do homem grego. Sua vida está atrelada a direitos e deveres mútuos daqueles que convivem na *pólis*. As relações intrínsecas de tal convivência se configuram dentro de esferas específicas de suas funções naquela sociedade, quais sejam, por exemplo, entre o comandante e sua tropa, o mestre e seu servo, o suplicante e seu protetor, o anfitrião e seu convidados, as quais são regidas por um código de comportamento de longa tradição. É importante salientar nesse contexto a inexistência de qualquer lei positiva ou vínculo entre a religião e a moral na sociedade homérica. Tal ausência pode imprimir às regras de comportamento, que foram estabelecidas pelo código de honra da *timé*, um caráter de formação de valores e de noções essenciais e funcionais para aquela comunidade, tais como as noções de justiça e hospitalidade. Estas se configuram, por exemplo, dentro das relações entre o hóspede e seu anfitrião e entre o suplicante e seu protetor. Embora, tal tema possa soar bastante estranho aos ouvidos modernos, a hospitalidade caracteriza-se por ser essencial à estruturação do mundo homérico não tanto por ser parte dominante de seu código de conduta moral, mas, sobretudo, por constituir um valor que visa o desenvolvimento do humano, o qual pode conferir-se de caráter notadamente universal.

¹ Não eram considerados cidadãos da *pólis* os dependentes, como mulheres, crianças e escravos, os estrangeiros e pedintes.

Num mundo repleto de incertezas e riscos, tal valor manifesta-se como porto seguro para aqueles que se aventurassem para além de seus reinos, fossem eles simples viajantes em busca de novidades ou conquistadores. Era um dado de civilidade que podia garantir tanto a segurança física do indivíduo quanto à integridade social da comunidade em questão, pois receber com hospitalidade qualquer estranho seria garantia de recebê-la mais adiante. Enquanto mantinha-se um comprometimento entre os membros daquele grupo, qual seja, daqueles que subscreviam o código da *timé*, Zeus concedia proteção a todo e qualquer pedinte e, em especial, àqueles destituídos de quaisquer vínculos de linhagem familiar ou de camaradagem, *filotés*, este último comum entre guerreiros e seus pares, seus superiores e subordinados. Contudo, para Cairns em *Aidós*, o fato de Zeus proteger como *epitimétor*² tal categoria, qual seja, o grupo daqueles que não pertenciam à comunidade do código de honra da *timé* como, por exemplo, estrangeiros, pedintes, visitantes e suplicantes, *xeinoi*, não eximia a sociedade homérica de manifestar, como própria de sua cultura, o cuidado desinteressado pelo sentimento e bem estar de outros, constituindo-se assim tal interesse como parte integrante de sua etiqueta.

Com tudo isso, a hospitalidade configura-se como forte vínculo de proteção com aquele que se encontra em situação adversa, criando um sentido de respeito e solidariedade relevante não só para a estabilidade da comunidade como também para a formação positiva da personalidade do homem grego. A quebra do decoro ou das regras de boa conduta pode imprimir sentimentos de vergonha por parte do indivíduo, *aidós*, e de indignação por parte do grupo, *némesis*, os quais constituem, na *psyche* do homem homérico, verdadeiras forças morais de moderação e restrição para qualquer atitude que transpasse os modos próprios de civilidade daquele que se diz falante de grego e cidadão da *pólis*. As sanções individuais, sentimento vexatório, e sociais, sentimento de ultraje, diante de atos de injustiça ou de excessos cometidos pela *hybris*, como imprudência, *anaideie*, e arrogância, *atasthalie*, funcionam como formas modelares do caráter do homem grego a serem internalizadas como padrões de conduta nas injunções morais e proibições nas seguintes noções: *thémis* - ou

² Segundo a definição de Liddell e Scott em **An Intermediate Greek-English Lexicon**: aquele que vinga ou pune.

thémis, díkaion - ou díkaion, kalón – ou kalón, ou katá kósmon, entre outras, que, de acordo com Wace e Stubbings em **A Companion to Homer**, versam sobre aquilo que é certo, justo e de acordo com a ordem ou não. No episódio da **Odisséia**, canto XVII, em que Ulisses, voltando a Ítaca disfarçado de pedinte, é insultado e agredido por um dos pretendentes de Pénélope em seu próprio palácio, ilustra a quebra de decoro, bem como das regras de hospitalidade, com relação ao tratamento a visitantes. Para Cairns em **Aidós**, sua imprudência, *anaideié*, causando a indignação e sendo criticada por seus próprios pares, mostra o forte vínculo estabelecido entre os sentimentos de vergonha e indignação e a noção de hospitalidade como um dos eixos que norteia o exercício da moralidade e a configuração do *éthos* em Homero.

A considerar a essencialidade da noção de hospitalidade para a constituição do pensamento grego, de sua noção de civilidade e cultura e de sua possível contribuição para o engendramento de conceitos posteriores em moral e ética antiga, notadamente em Sócrates, Platão e Aristóteles, restrinjo-me a nortear algumas ideias que talvez possam servir de base para pesquisas mais aprofundadas no futuro.

2. A hospitalidade como uma das normas de convívio social, sua ruptura e consequências.

Segundo Rocha Pereira em **Estudos de História da Cultura Clássica**, o fato de não existir, na sociedade homérica, uma lei positiva ou uma ética dependente de religião contribui para reforçar a ideia de uma comunidade baseada em boas maneiras. A ideia de hospitalidade, indo, portanto, ao encontro de tais normas de convívio social, ordena, de maneira primordial, as relações humanas daquela sociedade de modo a evitar o caos e a barbárie. Pois, se o homem é um animal político, como aponta Aristóteles ³, faz-se necessário o estabelecimento de certas regras básicas de convivência.

Numa sociedade, estruturada dentro do código de honra do herói, *timé*, como em Homero, é imperativo a observância de regras

³ Pelas palavras de Knox em sua introdução de **Homer. The Iliad**, na *Política*, Aristóteles diz que “aquele que é incapaz de trabalhar com outros ou que, em sua auto-suficiência, não tem necessidade de outros, não faz parte da comunidade, sendo comparável ou a uma besta ou a um deus.

básicas de conduta de acordo com os costumes, os quais são representados por *thémis* e *diké*⁴. Para Cairns em **Aidós**, tais noções, dentro do esquema “ideológico” do poema, não somente expressam o sentido de como as coisas devem ser feitas com também, junto a forças morais, configuradas nos sentimentos de vergonha e indignação, *aidós* e *némesis*, respectivamente, garantem a manutenção da tradição e observância dos costumes da sociedade homérica. É interessante observar a relevância de tal estrutura para o esquema geral da *Odisséia* como dado de civilidade de sua sociedade em contraste com aquela dos ciclopes, a qual, destituída de leis, confere completa barbárie ao desprezar regras de hospitalidade e literalmente devorar seus visitantes, como atestam as seguintes passagens:

“Vós, companheiros queridos de viagem, ficai aqui todos,
que eu, no navio em que vim, juntamente com meus companheiros
vou ver se obtenho notícias da gente que mora ali perto,
se porventura, selvagens violentos, que leis desconhecem,
se de outras terras e amigos, e afeitos ao culto dos deuses.”
(Odisséia, 9, 172-6)

“(…) Ora viemos à tua presença, e te abraço
súplice de joelhos, pedindo que dons hospedais nos conceda,
ou qualquer coisa, tal como é costume aos estranhos fazer-se.
Aos deuses todos respeita, meu caro, pois somos pedintes;
o próprio Zeus é quem vinga e protege os mendigos e estranhos,
Zeus protetor, que acompanha em seus passos os nobres pedintes. (...)”
“Isso lhe disse; ele, logo, me torna com ânimo duro:
‘És bem simplório, estrangeiro, ou de longes paragens chegado,
para exortar-me, assim, a que os deuses acate e os evite.

⁴ As noções acima mencionadas subscrevem em Homero, respectivamente, por Liddell e Scott em **An Intermediate Greek-English Lexicon**: (1) o que foi estabelecido pelo costume; (2) o que certo, justo, de acordo com o costume ou uso.

Nós, os Ciclopes, não temos receio de Zeus poderoso,
nem dos mais deuses beatos, pois somos mais fortes
que todos.
Pelo respeito de Zeus, tão somente, não te pouparia,
nem a teus sócios, se a tanto meu peito não fosse
inclinado’.”
(*Odisséia*, 266-78)

Por tais palavras, de acordo com Cairns em **Aidós**, pode-se inferir, portanto, que Homero acreditava ser sua sociedade civilizada por observar costumes e tradições contidos em noções como *thémis*, *diké* e *aidós*. A hospitalidade, como parte integrante dos usos de sua sociedade, promovia não somente seu desenvolvimento cultural como também contribuía para o florescimento do humano em valores como amizade, respeito e justiça, por exemplo. Em vista disso, poder-se-ia até dizer, como propõe Cairns em **Aidós**, que a proteção daquele que não pertencia à sua comunidade se constituía em um ideal homérico. Não obstante, o fato da hospitalidade ser tão fortemente reiterada na narrativa homérica pode ser um indício de que a sua prática, talvez, fosse pouco observada.

A quebra da hospitalidade, quando ocorre, pode provocar grandes reveses para a comunidade, culminando, por vezes, em guerra. Pois não foi de outro modo que Páris, ferindo gravemente tal princípio, provocara a invectiva contra Tróia ao raptar Helena, esposa de Menelau, durante sua permanência como convidado no palácio de Agamêmnon, soberano de Esparta e irmão de Menelau. A *hybris*, a falta de controle sobre as paixões, como ocorre com Páris e Helena, pode desnortear o sentido da convivência harmoniosa entre os homens por meio do respeito e da amizade.

A hospitalidade também atendia ao suplicante que chegasse desamparado, cansado e faminto; era imperativo que lhe fosse fornecido uma calorosa hospedagem com um bom banho, roupas e presentes para sua partida. Uma farta refeição lhe era servida e só então o visitante era interrogado a respeito do nome e da origem. Tal acolhida, segundo Wace e Stubbings em **A Companion to Homer**, estender-se-ia por gerações como prova de amizade entre famílias. Estabelece-se então um vínculo de ordem moral, sendo este comprometimento atestado por Glauco e Diomedes, no canto VI da *Iliada*, que ao se descobrirem ligados por laços de hospitalidade por

seus antepassados, desistem da luta e trocam armas como prova de sentimentos e respeito mútuos, assim como coloca Rocha Pereira em *Estudos de História da Cultura Clássica*.

A hospitalidade é particularmente impactante na *Odisséia*, pois, em maior ou menor extensão, a presença ou a falta desta afetará Ulisses por toda a narrativa a começar pelo fato de que sua casa, tendo sido oferecida, segundo a tradição, como hospedagem a seus pares na ausência de seu soberano, foi ocupada pelos pretendentes de Penélope, sua esposa, e paulatinamente depauperada de seus bens. Os pretendentes, por pertencerem a linhagens de famílias nobres de certo poderio, *aristoi*, tiram vantagem do código de hospitalidade a fim de disputar o poder do palácio.

É, no entanto, como naufrago e estrangeiro em terras distantes que verdadeira face da hospitalidade é revelada a Ulisses. Em suas andanças, ao chegar ao reino dos Feácios, no canto V da **Odisséia**, o herói apresenta-se como suplicante ao rei Alcíoo, o qual confere-lhe um retorno seguro ao lar. Também na ilha de Éolo, no canto X da **Odisséia**, o herói recebe ajuda do deus dos ventos bem como a assistência de Circe. Ainda na **Odisséia**, canto IX, em uma perspectiva diametralmente oposta, estão os ciclopes e as sereias, pois enquanto os ciclopes apresentam uma completa aversão ao conceito de hospitalidade e descaso com os deuses, destituídos que são de qualquer sentido de sociabilidade e de suas regras de convivência ou temor de ordem natural ou divina⁵, as sereias, poder-se-ia dizer, protagonizam, com seus cantos encantatórios e predatórios, a hospitalidade para além da vida por representarem os perigos - forças exteriores fora do controle do humano - de uma viagem talvez sem volta.

Também como visitante em suas próprias terras, Ulisses pode conhecer a fragilidade e a força da noção de hospitalidade e assim julgar o grau de civilidade existente. Chegando a Ítaca disfarçado de pedinte, ele é recebido por Eumeu, o qual o exorta a comer, beber e descansar, seguindo os rituais próprios da tradição de hospitalidade:

⁵ É importante observar que, para os gregos, os deuses pertenciam a ordem natural da *physis*, não existindo assim a ideia do sobre natural divino.

“Tendo isso dito , o divino porqueiro o levou para dentro e o fez sentar-se, depois de espalhar pelo chão ramos secos, sobre os quais pele de cabra montesa estendeu, grande espessa, onde ele próprio ia dormir. Odisseu alegrou-se por ver-se assim recebido; e, para ele, virando-se, disse:
‘Hóspede, Zeus te conceda, e as demais sempiternas deidades, tudo que na alma desejás, por teres assim me acolhido.’
Deste-lhe , Eumeu, em resposta as seguintes palavras aladas;
‘Menosprezar, não costumo nenhum estrangeiro, ainda mesmo em pior estado que tu. Todos eles por Zeus são mandados, os indigentes e os hóspedes. pouco, realmente, podemos te oferecer, mas de grado o fazemos’.
(**Odisséia**, 14: 48-59)

Não por acaso, em passagem anterior, Eumeu apressa-se em proteger o estrangeiro do ataque dos cães, pois, de acordo com os padrões de conduta de honra de sua comunidade, sob os quais se subscreve a hospitalidade, a falha em proteger seu visitante possui tanto caráter vexatório, *aidós*, quanto pode provocar reprovação de outros. Desse modo, *aidós*, como vetor moral, pode atuar de dois modos distintos, segundo Cairns em **Aidós**: (1) como um cuidado em não prejudicar o outro; (2) como preocupação com a opinião de outros ou com os valores de sua comunidade. Portanto, há, na atitude de Eumeu, um comprometimento deste não somente com a excelência, *areté*, de seu comportamento e ações, no seu florescimento do humano, como também, com seus próprios interesses⁶.

⁶ Dessa forma, estaríamos antecipando em Homero algumas discussões pertinentes somente dentro da filosofia da era clássica, no V e VI a.C, acerca do desenvolvimento da *psyche* do homem e de seu caráter em virtudes morais e virtudes intelectuais, em especial, em Platão e Aristóteles. Em Homero, em particular, na *Ilíada*, a *areté* de um guerreiro, por exemplo, diz respeito à excelência com que desempenha sua função dentro do papel que lhe foi conferido por aquela comunidade.

Não se pode deixar de notar o contraste que marca a recepção de Ulisses por Eumau, por um lado, e pelos nobres, por outro, em sua chegada a Ítaca. Eumau não somente subscreve as normas de conduta e valores prescritos por sua comunidade, mas também demonstra valores pessoais como lealdade e gratidão com relação a Ulisses, o qual supõe estar morto, e solidariedade e piedade junto àquele que se encontra em situação adversa, como no caso do pedinte que chega à sua porta. Entretanto, de acordo com Cairns em *Aidós*, os nobres do palácio, quando confrontados com o mendigo, demonstram toda a sua imprudência, *anaideie*, arrogância, *atasthalie* e violência, *hybris*. Um deles, em particular, o insulta e agride, quando este, que se apresenta em situação desfavorável, deveria suscitar-lhe sentimentos de constrangimento e vergonha, *aidós*, por sua condição de desprotegido. Ainda na perspectiva de Cairns em *Aidós*, tal atitude, não obstante arrogância dos nobres, desperta em seus pares a indignação, *nemesis*, por sua falta de decoro e conseqüente quebra dos padrões de conduta e, em especial, das regras de hospitalidade. Não é surpresa que mesmo seus companheiros o critiquem, pois, como colocam Wace e Stubbings em *A Companion to Homer*, receber um visitante com amabilidade constitui virtude cardeal no mundo homérico, criando um laço de amizade a ser preservado por gerações como atesta o episódio, já mencionado, de troca de armas entre Glauco e Diomédés no canto VI da *Ilíada*.

Para finalizar, resta-nos considerar um dado muito interessante, posto que perturbador e intrigante dentro da estrutura de pensamento da obra. No que diz respeito à concepção de hospitalidade, deve-se observar o fato de que Zeus, senhor dos deuses do Olimpo e, no contexto da *Odisséia*, grande representante deste valor para todo aquele que reivindicasse sua proteção, tenha permitido que Poseidon, deus dos mares, se vingasse dos Feácios. Tal ocorre, entretanto, a despeito de sua tradição de ajuda aos navegantes e de seu cumprimento exemplar do ritual do bom anfitrião.

Referências bibliográficas

CAIRNS, Douglas L. *Aidós – The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro. Ediouro, 2001.
- _____. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo. Editora Três, 1974.
- KNOX, Bernard. "Introduction". In: Homer. *The Iliad*. Trans. Robert Fagles. New York: Penguin Classics, 1990.
- LIDDELL & SCOTT. *An intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, [1889] 1994.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- WACE, Alan J. B. & STUBBINGS, Frank H. *A Companion to Homer*. London: Macmillia, 1963